

FERNANDES, Marcelo Viera. Ovidio, Amores

Ovídio, Amores

I, 5; II, 10; III, 71¹

I, v

Aestus erat, mediamque dies exegerat horam;
adposui medio membra leuanda toro.
Pars adaperata fuit, pars altera clausa fenestrae;
quale fere siluae lumen habere solent,
5 qualia sublucent fugiente crepuscula Phoebo,
aut ubi nox abiit, nec tamen orta dies.
Illa uerecundis lux est praebenda puellis,
qua timidus latebras speret habere pudor.
Ecce, Corinna uenit, tunica uelata recincta,
10 candida diuidua colla tegente coma,
qualiter in thalamos famosa Semiramis isse
dicitur, et multis Lais amata uiris.
Deripui tunicam: nec multum rara nocebat;
pugnabat tunica sed tamen illa tegi.
15 Quae cum ita pugnaret, tamquam quae uincere nollet,
uicta est non aegre prodicione sua.
V t stetit ante oculos posito uelamine nostros,
in toto nusquam corpore menda fuit.
Quos umeros, quales uidi tetigique lacertos!

Ovídio, Amores

I, 5; II, 10; III, 71¹

*Marcelo Vieira Fernandes*²

I, 5

Estava quente, e o meio o dia já excedera;
na cama, a descansar, deitei o corpo.
Aberto um lado, outro fechado, da janela;
qual bosques soem ter, tal lume havia,
5 qual do crepúsculo a luz fraca, indo-se Febo,
ou quando a noite vai e o dia tarda.
Às moças recatadas tal luz se há de dar,
que a timidez nela esconder-se espera.
Eis que Corina vem, túnica desatada,
10 cabelo dividido no alvo colo,
qual nos tálamos, diz-se, a famosa Semíramis
entrou; como Laís, amor dos homens.
A túnica tirei-lhe: nada mal, diáfana;
no entanto ela lutava por vesti-la.
15 Como lutasse sem vontade de vencer,
sem custo foi vencida, se entregando.
Quando estive de pé, sem roupa ante os meus olhos,
nenhum defeito vi no corpo todo.
Que belos ombros, e que braços vi, toquei!

- 20 forma papillarum quam fuit apta premi!
quam castigato planus sub pectore uenter!
quantum et quale latus! quam iuuenale femur!
Singula quid referam? Nil non laudabile uidi
et nudam. pressi corpus ad usque meum.
- 25 Cetera quis nescit? Lassi requieimus ambo.
Proueniant medii sic mihi saepe dies!

II, x

- Tu mihi, tu certe, memini, Graecine, negabas
uno posse aliquem tempore amare duas.
Per te decipior, per te depensus inermis:
ecce, duas uno tempore turpis amo!
- 5 Vtraque formosa est, operosae cultibus ambae;
artibus in dubio est haec sit an illa prior.
Pulchrior hac illa est, haec est quoque pulchrior illa;
et magis haec nobis, et magis illa placet!
- Erro, uelut uentis discordibus acta phaselos,
10 diuiduumque tenent alter et alter amor.
Quid geminas, Erycina, meos sine fine dolores?
Non erat in curas una puella satis?
Quid folia arboribus, quid pleno sidera caelo,
in freta collectas alta quid addis aquas?
- 15 Sed tamen hoc melius, quam si sine amore iacerem:
hostibus eueniat uita seuera meis!
Hostibus eueniat uiduo dormire cubili
et medio laxa ponere membra toro!

- 20 para a carícia, que formosos seios!
sob o primor do peito, que ventre tão liso!
que ilharga farta! e que robusta coxa!
Por que direi detalhes? Nada não louvável
vi: nua a estreitei junto ao meu corpo.
- 25 O resto quem não sabe? Lassos, repousamos.
Tomara assim eu tenha inda outros dias!

II, 10

- Tu decerto, Grecino, lembro, me negavas
poder-se amar de uma só vez a duas.
Por ti eu me enganei, deixaste-me sem armas:
eis que, torpe, amo duas de uma vez!
- 5 Uma e outra é formosa, adornam-se bem ambas;
se esta é mais hábil do que aquela é dúbio.
Que esta aquela é mais bela, esta mais que aquela;
e mais uma me agrada, mais a outra!
- Erro, qual barco que sem rumo os ventos levam,
10 e me dividem um e outro amor.
Minha dor, Ericina, por que sem fim dobras?
Para afligir-me não bastava uma?
Por que folhas à arvore, ao céu por que estrelas,
ao mar profundo por que ajuntas águas?
- 15 Isso é melhor, porém, que me deitar sozinho:
aos inimigos meus, vida severa!
Aos inimigos caiba a cama de viúvo,
e que no meio dela o corpo espalhem!

At mihi saeuus amor somnos abrumpat inertes,
20 simque mei lecti non ego solus onus!
Me mea disperdat nullo prohibente puella,
 si satis una potest, si minus una, duae!
Sufficiam: graciles, non sunt sine uiribus artus;
 pondere, non neruis corpora nostra carent;
25 et lateri dabit in uires alimenta uoluptas.
 Decepta est opera nulla puella mea;
Saepe ego lasciuē consumpsi tempora noctis,
 utilis et forti corpore mane fui.
Felix, quem Veneris certamina mutua perdunt!
30 Di faciant, leti causa sit ista mei!
Induat aduersis contraria pectora telis
 miles et aeternum sanguine nomen emat.
Quaerat auarus opes et, quae lassarit arando,
 aequora periuro naufragus ore bibat.
35 At mihi contingat Veneris languescere motu,
 cum moriar, medium soluar et inter opus;
atque aliquis nostro lacrimans in funere dicat:
 “conueniens uitae mors fuit ista tuae!”

III, vii

At non formosa est, at non bene culta puella,
 At, puto, non uotis saepe petita meis!
Hanc tamen in nullos tenui male languidus usus,
 sed iacui pigro crimen onusque toro;
5 nec potui cupiens, pariter cupiente puella,

A mim, porém, o amor cruel os sonos quebre,
20 e eu não seja em meu leito um peso só!
Ninguém proíba: me extenue minha bela,
se uma só é o bastante, se não, duas!
Agüentarei: são magros, não sem força os membros;
de peso, não de nervo os meus carecem;
25 e às minhas costas o prazer dará vigor.
A nenhuma mulher decepcionei.
Eu, muita vez, brinquei lascivo a noite toda,
e de manhã disposto e forte estava.
Feliz quem Vênus arruína em lidas mútuas!
30 Façam os deuses que só disso eu morra!
Cubra o soldado o peito, de frente, com dardos
hostis, com sangue eterna glória compre.
O avaro queira o mar de bens que arar cansou-o,
e o beba, náufrago, com boca pérfida.
35 Mas caiba a mim enlanguescer no ardor de Vênus,
que me extinga em ação, quando morrer;
e assim alguém, chorando, em meu funeral diga:
"Calhou à tua vida –essa morte!"

III, 7

Não é formosa jovem, nem muito elegante,
nem muito a cobicei nos sonhos meus?!
Fraco, porém, mal pude tê-la nos meus braços:
jazi, fardo infamante ao leito inerte;
5 nem pude, bem que desejasse e ela igualmente,

inguinis effeti parte iuuante frui.
Illa quidem nostro subiecit eburnea collo
 bracchia Sithonia candidiora niue,
osculaque inseruit cupida luctantia lingua
10 lasciuum femori supposuitque femur,
et mihi blanditias dixit dominumque uocauit,
 et quae praeterea publica uerba iuuant.
Tacta tamen ueluti gelida mea membra cicuta
 segnia propositum destituere meum;
15 truncus iners iacui, species et inutile pondus,
 et non exactum, corpus an umbra forem.
Quae mihi uentura est, siquidem ventura, senectus,
 cum desit numeris ipsa iuuenta suis?
A, pudet annorum: quo me iuuenemque uirumque?
20 Nec iuuenem nec me sensit amica uirum!
Sic flammam aditura pius aeterna sacerdos
 surgit et a caro fratre uerenda soror.
At nuper bis flaua Chlide, ter candida Pitho,
 ter Libas officio continuata meo est;
25 exigere a nobis angusta nocte Corinnam
 me memini numeros sustinuisse nouem.
Num mea Thessalico languent deuota ueneno
 corpora? Num misero carmen et herba nocent,
sagaue poenicea defixit nomina cera
30 et medium tenuis in iecur egit acus?
Carmine laesa Ceres sterilem uanescit in herbam,
 deficiunt laesi carmine fontis aquae,

do membro enlanguescido ter o gozo.
O meu pescoço ela enlaçou com os seus braços,
marfim mais cândido que a neve trácia,
beijos furtou-me com a língua cobiçosa,
10 a perna pôs lasciva sob a minha,
disse-me agrados, me chamando seu senhor,
e tudo o mais que praz do vulgo a fala.
Como untados, porém, em gélida cicuta,
do intento os membros, frouxos, desistiram;
15 tronco inerte, jazi, espectro e peso inútil,
nem é certo se corpo ou sombra eu era.
Que velhice vou ter, se é que de fato vou,
quando não cumpro jovem meu dever?
Ah! vergonha dos anos: quê? ser jovem, homem?
20 Jovem a amada não me achou, nem homem!
Qual vai às chamas pias a sacerdotisa,
deixou-me, respeitável, como irmão.
Mas duas loura Clide, antes, três alva Pito,
três vezes Libade servi contínuo;
25 lembro que em noite curta me exigiu Corina
e cumpri nove vezes meu dever.
Desfalece o meu corpo a veneno tessálio
entregue? Planta, encanto é que o desgraça?
ou na cera o meu nome bruxa amaldiçoa
30 e do fígado ao meio agulha enfia-me?
Ceres, ferida por encanto, murcha estéril,
da fonte a água, por encanto, acaba,

illicibus glandes cantataque uitibus uua
decidit, et nullo poma mouente fluunt.
35 Quid uetat et neruos magicas torpere per artes?
Forsitan inpatiens fit latus inde meum.
Huc pudor accessit: facti pudor ipse nocebat;
Ille fuit uitii causa secunda mei.
At qualem uidi tantum tetigique puellam!
40 sic etiam tunica tangitur illa sua.
Illius ad tactum Pylus iuuenescere possit
Tithonosque annis fortior esse suis.
Haec mihi contigerat; sed uir non contigit illi.
Quas nunc concipiam per noua uota preces?
45 Credo etiam magnos, quo sum tam turpiter usus,
muneris oblati paenituisse deos.
Optabam certe recipi – sum nempe receptus;
oscula ferre: tuli; proximus esse: fui.
Quo mihi fortunae tantum? Quo regna sine usu?
50 Quid, nisi possedi diues auarus opes?
Sic aret mediis taciti uulgator in undis
pomaque, quae nullo tempore tangat, habet.
A tenera quisquam sic surgit mane puella,
Protinus ut sanctos possit adire deos?
55 Sed, puto, non blanda: non optima perdidit in me
oscula; non omni sollicitauit ope!
Illa graues potuit quercus adamantaque durum
surdaque blanditiis saxa mouere suis.
Digna mouere fuit certe uiuosque uirosque;

cai da azinheira a glande, da videira a uva,
encantada, e, por nada, os frutos tombam.

35 Que veta à mágica o vigor entorpecer?
Minha impotência vem talvez daí.
Da falta o pejo se somou: pejo nocivo;
segunda causa foi da minha falha.
Mas que bela garota apenas vi e toquei!

40 tão perto quanto a toca a sua túnica.
Remoçar ao seu toque Nestor poderia,
Titono mais vigor ter em seus anos.
Ela bem me coubera; eu que não lhe coube.
Que pedirei agora nos meus rogos?

45 O dom, do qual fui tão indigno, creio os magnos
deuses de terem dado arrependeram-se.
Desejava acolhida – certo me acolheu;
meus beijos dar-lhe: dei; estar perto: estive.
Fortuna tanta que me serve? rei sem mando?

50 se tive tais riquezas como avaro?
Como tem sede o tagarela em meio às águas
e frutos que jamais irá tocar.
Quem de manhã na cama deixa doce jovem,
pronto de modo a ir aos santos deuses?

55 Talvez comigo não gastou mui carinhosos
beijos; não me excitou com todo empenho?!
Rijo carvalho, diamante, surdas pedras
mover suas carícias poderiam.
Certo era digna de mover quem vivo e homem,

60 sed neque tum uixi nec uir, ut ante, fui.
 Quid iuuet, ad surdas si cantet Phemius aures?
 Quid miserum Thamyran picta tabella iuuat?
 At quae non tacita formaui gaudia mente!
 Quos ego non finxi disposuique modos!
65 Nostra tamen iacuere uelut praemortua membra
 turpiter hesterna languidiora rosa -
 quae nunc, ecce, uigent intempestiua ualentque,
 nunc opus exposcunt militiamque suam.
 Quin istic pudibunda iaces, pars pessima nostri?
70 Sic sum pollicitis captus et ante tuis.
 Tu dominum fallis; per te depensus inermis
 tristia cum magno damna pudore tuli.
 Hanc etiam non est mea dedignata puella
 molliter admota sollicitare manu;
75 sed postquam nullas consurgere posse per artes
 inmemoremque sui procubuisse uidet,
 “quid me ludis?” ait, “quis te, male sane, iubebat
 inuitum nostro ponere membra toro?
 Aut te traiectis Aeaea uenefica lanis
80 deuouet, aut alio lassus amore uenis.”
 Nec mora, desiluit tunica uelata soluta
 (et decuit nudos proripuisse pedes!),
 neue suae possent intactam scire ministrae,
 dedecus hoc sumpta dissimulauit aqua.

60 mas nem vivi, nem fui o homem d'antes.
Que graça, Fêmio para surdos se cantasse?
 a Tâmiras, que graça, uma pintura?
Mas que prazeres meu silêncio não forjou!
 E eu que posições não figurei!

65 Jazeu, porém, como já morto, o corpo todo,
 torpe e mais lânguido que rosa murcha.
Eis que vigor agora intempestivo tem,
 agora a guerra e o seu dever reclama.
Por que aí, membro vil, pudibundo não jazes?

70 Assim já me enganaste com promessas.
Teu dono logras; desarmado me deixaste,
 triste dano, grão pejo padeci.
Nem recusou a minha bela provocá-lo,
 sua mão docemente aproximando;

75 mas, vendo que arte alguma não podia erguê-lo
 e de si deslebrado se prostrava,
"Por que me enganas?" disse, "insano, quem mandou
 deitar em minha cama sem vontade?
Ou a bruxa de Ea te cruza maléfica

80 lã, ou já de outro amor cansado vens."
Sem demora saltou, com a túnica solta
 (ficou-lhe bem correr com os pés nus!),
e para intacta as servas não a perceberem,
 disfarçou com um banho essa vergonha.

Notas

I,5

v.9: Corinna, um dos muitos “amores” de Ovídio.

v.11: Semiramis, mulher de Nino, rainha dos assírios.

v.12: Lais: nome de duas famosas meretrizes, na época da guerra do Peloponeso.

II, 10

v.1: C. Pomponius Graecinus, irmão de L. Pomponius Flaccus e amigo de Ovídio.

v.11: Erycina: do monte Érice. Vênus.

III, 7

v.8: Sithonia: da Trácia.

v.23-4: Chlide, Pitho, Libas: nomes de mulheres.

v.29-30: defixit nomina cera, egit tenuis acus in medium iecur: lit. “amaldiçoou o nome escrevendo-o na cera”, “enfiou uma fina agulha no meio do fígado”. Práticas de feitiçaria.

v.41: Pylius: Nestor, rei de Pilos. Por graça de Apolo, viveu mais de três gerações, tendo participado da Ilíada, em que foi como um conselheiro de guerra ancião para os gregos.

v. 42: Tithonus, irmão mais velho de Príamo. Em seu amor por ele, Aurora pediu a Zeus que lhe concedesse a imortalidade, mas se esqueceu de pedir também a juventude eterna. Assim, Titono não morria, porém continuava a envelhecer.

v.52: “taciti uulgator”, “revelador de segredos” (traduzido aqui por

"tagarela"). Trata-se de Tântalo, que, por ter revelado aos homens segredos que lhe foram confiados pelos deuses, sofreu o castigo de, sedento, não poder beber da água em que estava praticamente mergulhado e de, faminto, não poder comer dos frutos que pendiam dum ramo próximo a ele.

v.53: *adire sanctos deos*, "ir aos santos deuses", i.e., "ir fazer um sacrifício", pressupunha a castidade daquele que ia.

v.61: Phemius, aedo de Ulisses, em Ítaca.

v.62: Thamyris, músico que, segundo Homero, quis rivalizar na sua arte com as Musas; as deusas o venceram e, irritadas, cegaram-no.

v.79-80: *Aeaea uenefica*, "a feiticeira de Ea": Circe, irmã de Eetes, rei da Cólquida. Habitava a ilha de Ea (onde aporta Ulisses depois de suas aventuras no país dos Lestrigões). "*te deuouet traiectis lanis*", "com lãs cruzadas (i.e., à maneira dum quadro) te amaldiçoa": outra prática de feitiçaria (cf. v. 29-30).

Comentários

Se ao escrever seus Amores, como diz Veyne, Ovídio realmente "estava decidido a se divertir" (1985, p. 185), entende-se então por que Quintiliano (X, 1, 93) o considerava *lasciuor* em relação a Tibulo, autor este *tersus atque elegans*, e Propércio. "Mais brincalhão", "mais atrevido", Ovídio elegeu como assunto predominante em sua poesia amorosa o quadro dos sentimentos e situações próprios da vida passional irregular, dentro dum universo que combina o meio mundano das mulheres levianas e das meretrizes com o espaço reservado, não gratuitamente, é claro, à credulidade mitológica ou religiosa do vulgo. Tudo numa poesia "para fazer rir", no dizer de Veyne (ib., p.79). O jogo, o divertimento, dá-se

pelos meios comuns também à poesia dos elegíacos romanos Propércio e Tibulo, estribados eles todos no modelo da poesia grega helenística de Calímaco.

Nas elegias aqui traduzidas (uma de cada livro dos Amores: I, 5; II, 10; III, 7), os influxos desse modelo, bem como os de outros elegíacos gregos (tais como Asclepiades e Meleagro) aparecem sobretudo na escolha de certos lugares-comuns, no tom levemente ambíguo ou irônico do conjunto, e no uso das alusões à mitologia e à credence popular, presente particularmente nalguns lacônicos dísticos da III, 7.

A luminosidade apropriada ao amor, na tradição helenística, é algo como a meia-luz, entre a sombra da noite e o lume da lanterna: é essa a luz que envolve o ambiente em que Ego irá receber sua Corina, na I, 5: "quale fere siluae lumen habere solent, / qualia sublucent fugiente crepuscula Phoebos, / aut ubi nox abiit, nec tamen orta dies." (v. 4-6); luz de bosque, crepuscular, decorosa para as "respeitáveis" moças: "Illa uerecundis lux est praebenda puellis." (v. 7). A beleza de Corina (v. 9-12), seu desnudamento, que no princípio resiste mas no final cede (v. 13-6), os atrativos de seu corpo (v.17-23) e o cansaço dos parceiros após os trabalhos do amor (24-5) são todos motivos que "se encontram na poesia erótica helenística" (id., ib., p. 21). Fecha o poema um verso que opera a chamada "composição em anel", reaparecendo o tema da luminosidade: "Proueniant medii sic mihi saepe dies!". Contudo esse meio-dia, como hora (e não como luminosidade, pois esta é garantida pela janela entreaberta (v. 3)), é, nessa elegia, postula Giangrande (ib., p.23), um elemento romano introduzido num contexto de inspiração helenística: trata-se duma uariatio temática que surpreende o leitor, o qual não esperava desse momento do dia mais do que a inação (conforme a tradição da poesia grega).

Motivo também helenístico, aliás freqüente, é o emprego do vocativo, porquanto a elegia também é entendida muitas vezes como uma espécie de carta (embora a “comunicação” de uma “mensagem” não seja de modo algum o objetivo do poeta que a escreve): “Tu mihi, tu certe, memini, Graecine, negabas”: é o primeiro verso da II, 10. Nesta elegia, em que a alusão mitológica se reduz à deusa do amor, Ego começa por se queixar da dupla dor que Vênus fá-lo suportar, obrigando-o a amar duas mulheres de uma vez só: “ecce, duas uno tempore turpis amo!” (v. 4), “Quid geminas, Erycina, meos sine fine dolores?” (v.11). Ambas são belas, e ele está dividido (v. 10) (o que a interpretação biografista de Ovídio não resolve sem dificuldade, diga-se, porque não vê como encaixar Corina aí). Essa, porém, é a dor que melhor cabe a ele, e então o poema surpreende o leitor (que, como bom “narratário”, esperaria a continuidade da “dolorosa confissão” de Ego...); a surpresa, a reviravolta, em que está o caráter especialmente elegíaco da composição, acontece na passagem do dístico iniciado no verso 13 para o dístico iniciado no verso 15: no primeiro deles, o poeta carrega as tintas da metáfora, figurando o “excesso da dor” em três belas imagens, simetricamente dispostas: “Quid folia arboribus, quid pleno sidera caelo, / in freta collectas alta quid addis aquas?” (v. 13-4); no segundo dístico, porém, a virada intempestiva, seguida da imprecação certa: “Sed tamen hoc melius, quam si sine amore iacerem: / hostibus eueniat uita seuera meis!” (v. 15-6). Resta, então, que Ego, apesar da minicaricatura que faz de sua compleição, enumere as suas qualidades de bom amante (v. 21-8) e encontre, assim, o seu lugar entre os homens, afirmando-se não como soldado ou lavrador mas como um arruinado por Vênus (v. 29-36). (Tal é o procedimento discursivo do priamel, como apontado por Veyne (ib., p. 165; cf. n. 14, 15, 16 e 17) em Propércio (II, 1).) O dístico final é o desejo do reconhecimento: como todo soldado valoroso,

Ego quer ser chorado dignamente (o tom aqui parece ser o do arremedo de um comentário sincero sobre um soldado “verdadeiro”, um pasticho do sentimentalismo popular nos funerais dos grandes homens): “atque aliquis nostro lacrimans in funere dicat: / conueniens uitae mors fuit ista tuae! ”.

Na elegia III, 7, a maior das três, o poeta se estende em 84 versos sobre um mesmo tema: a sua “falha” como amante. Há espaço bastante para que Ego se mostre confuso (v. 1-2; 55-6) e indignado (v. 17-20; 49; 69), mas ele sabe que também há espaço para mais, e aproveita para fazer a caricatura de si próprio (como boneco nas hábeis mãos do ventríloquo-poeta, como diz Veyne), e então ele é um devoto que roga bens aos deuses (v. 44-6), um homem crente nos bruxedos populares (v. 27-36), um amante inveterado que conversa com seu próprio órgão sexual (cujas qualidades também são uma dádiva: v. 45) (v.23-36; 66-72). Dentre os atrativos da mulher, entre os quais o de ser culta puella (v. 1), tomam relevo aqueles que fazem dela uma boa amante (v. 7-12; 38-40; 55-8; 73-4): é a garantia que Ego tem de que a falha foi unicamente sua, embora ele saiba que a desonra também cai sobre ela, que “considera o fiasco de seu amante como uma injúria (dedecus) feita a sua beleza” (Veyne, *ib.*, p. 22). Em todos esses momentos, nos quais Ego dá-nos um traço do retrato de si mesmo, a voz do ventríloquo parece vacilar entre os seus lábios, como para torná-lo ridículo e também para escarnecer das palavras da própria amante ludibriada, reportadas por Ego nos versos finais. Confirma-o o caráter douto (talvez mesmo pedante) de certas alusões, equilibradamente dispostas ao longo do poema: a metonímia do trigo (v. 31: “Carmine laesa Ceres sterilem uanescit in herbam”), a velhice de Nestor de Pílos e de Títono (v. 41-2: “Illius ad tactum Pylius iuuenescere possit / Tithonosque annis fortior esse suis.”), a punição de Tântalo (v. 51-2: “Sic aret mediis taciti uulgator

in undis / pomaque, quae nullo tempore tangat, habet.”), a música de Fêmio e a cegueira de Tâmiras (v. 61-2: “Quid iuuet, ad surdas si cantet Phemius aures? / Quid miserum Thamyran picta tabella iuuat?”). Termina o poema o pasticho que Ego (o poeta...) faz da superstição da parceira, que, indignada, acredita estar o amante enfeitiçado: “‘quid me ludis?’ ait, ‘quis te, male sane, iubebat / inuitum nostro ponere membra toro? / Aut te traiectis Aeaea uenefica lanis / deuouet, aut alio lassus amore uenis’ ” (v. 77-80). Se, como brinca Veyne (ib., p. 74), o poeta “enxuga suas lágrimas com uma mão e com a outra revela o segredo”, o verso 82 bem poderia ser o último, pelo que encerra de jocoso nas palavras de quem deveria estar apenas lamentando: “et decuit nudos proripuisse pedes!”.

Embora importantes, as três elegias comentadas não podem representar inteiramente as demais dos livros a que pertencem. Há nestes, como em toda antologia antiga, peças de teor programático, como as que abrem cada livro, nas quais o poeta expõe os dados de sua relação com o gênero; e outras que desenvolvem mais alguns temas da poesia amorosa elegíaca, tais como o lamento à porta da amada (I, 6), a milícia do amor (I, 9), o marido que guarda a amante (II, 4), a escravidão amorosa (II, 7), a crença nos deuses (III, 3), as penas de amor (III, 11 ab), e outros mais. Se elas, pois, não dizem tudo do poeta Ovídio, têm, por outro lado, o mérito de mostrarem o que é o erotismo em sua poesia (além de provarem a impropriedade duma leitura biografista), e por isso me pareceram particularmente interessantes.

Referências

Allen, Archibald. “Sincerity and the Roman Elegists”. *Classical Philology*, 45 (3), 1950, p. 145-60.

FERNANDES, Marcelo Viera. Ovidio, Amores

Giangrande, G. "Los Tópicos Elenísticos en la Elegia Latina". *Emerita*, 42, 1974.

Showerman, Grant. *Ovid, v. 1: Heroides and Amores, with an english translation by Grant Showerman. Second edition, revised by G.P.Goold. Cambridge, Harvard University Press / London, Heinemann, 1986 ["Loeb Classical Library"]*.

Veyne, Paul. *A Elegia Erótica Romana. O Amor, a Poesia e o Ocidente*, trad. de Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo, Brasiliense, 1985.

1 Texto latino: *OVID. Heroides and Amores, with an English translation by Grant Showerman. Second edition, revised by G.P. Goold. Cambridge, Harvard University Press / London, Heinemann, 1986 ["Loeb Classical Library"]*.

Marcelo Viera Fernandes é graduando em português na FFLCH-USP.